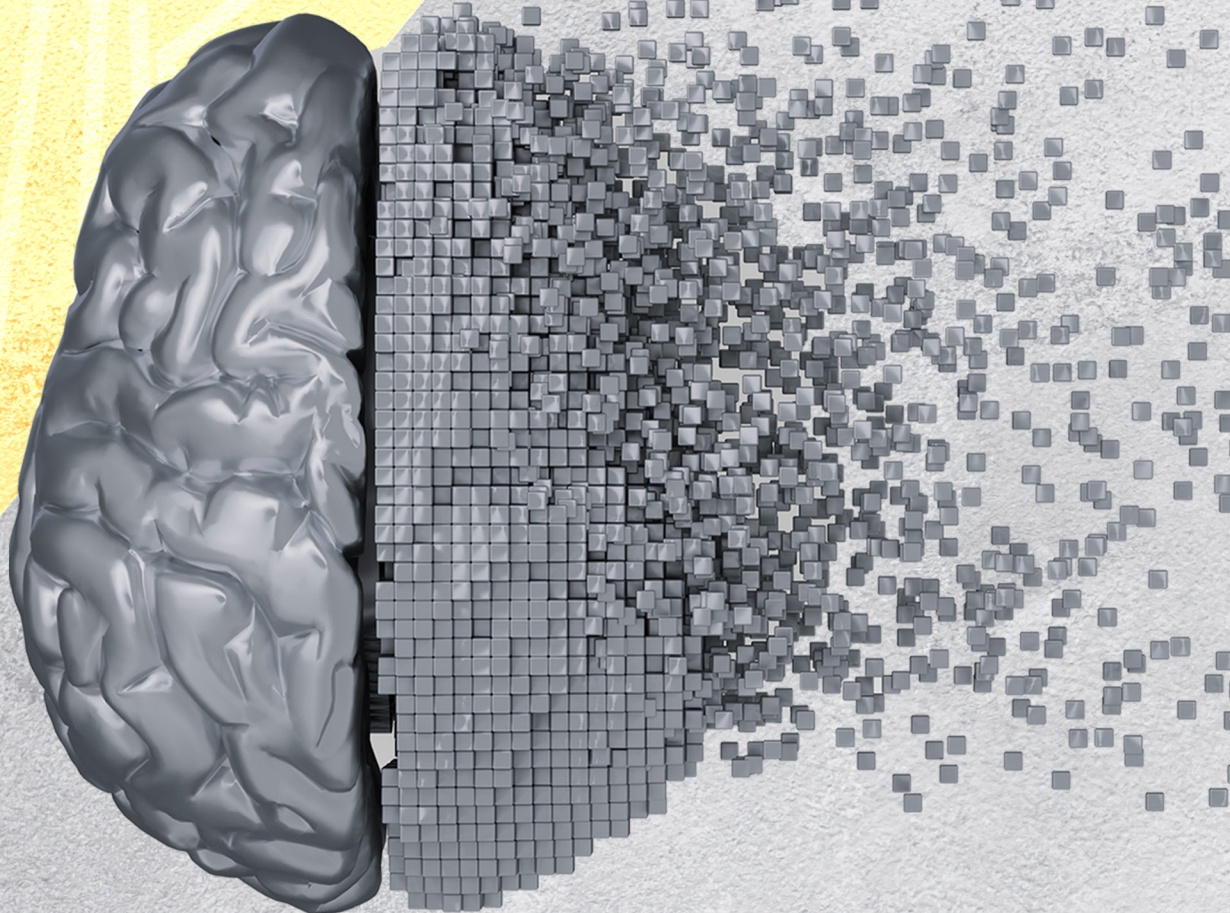


# A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)





Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Natália Sandrini e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-278-4

DOI 10.22533/at.ed.784192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.  
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado).

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis

que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades. ” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos

dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora

mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES**, a autora LIDIANE MARIA MACIEL buscaram analisar o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias” laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. No artigo **FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015**, os autores Sonia Vanessa Langaro e Valter Martins buscam analisar as características e relações constituintes do Faxinal do Salto, localizado no município de Rebouças/PR. No artigo **FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003**, os autores Danilo Rodrigues do Nascimento e Flávia Rodrigues Lima da Rocha buscaram propor uma nova maneira de pensar a origem e as articulações da filosofia, a fim de ampliar a discussão sobre sua procedência para além da Grécia, bem como discutir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. No artigo **GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR** os autores Andréia Oliveira Ferreira dos Santos e Rosiley Aparecida Teixeira buscam apresentar os resultados parciais de um estudo que surge mediante inquietações sobre uma gestão escolar burocrática e gerencial. No artigo **GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E**

**TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU**, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro, Camila Amanda Schmoegel Elias trata de um relato de experiência da atividade em grupo realizada no CSI. Neste âmbito foi idealizado por uma estagiária o grupo para orientação e tratamento da incontinência urinária que foi nomeado como Grupo Segura Firme. No artigo **IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**, os autores Higor Vieira de Araújo e Higor Vieira de Araújo e Francisco Bento da Silva, buscam para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre.

**INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA** os autores Jonny Lucas de Oliveira e Joyce Jaqueline Caetanolzabel Passos Bonete buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. No artigo **LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LIGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO**, os autores Jeovana Ceresa, Nathália Fritsch Camargo, Guilherme Costa da Silva, Tamara Lansini Tolotti, Thayze Maria Marques Torbes, Guilherme Briczinski de Souza, Christofer da Silva Christofoli, Juliane Pinto Lucero, David de Souza Mendes, Mariana Edinger Wieczorek, Eduardo Garcia buscaram estudar sobre o envelhecimento humano no cuidado multiprofissional. No artigo **MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA** as autoras Adriana Lessa Cardoso e Márcia Alves da Silva buscam analisar a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. No artigo **Normalidade e diferença: vivências de estudantes de uma escola pública**, as autoras Akeslayne Maria de Camargo, Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Emília Carvalho Leitão Biato, Barbara E. B. Cabral buscam discutir sobre a loucura como emblemática do que se considera desviante e inadequado, e busca articular essas concepções às vivências de estudantes em relação ao que tem sido avaliado como desviante e inadequado, atrapalhando o andamento da rotina escolar. No artigo **O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE**, os autores FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIELE RODRIGUES CORREA buscam analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. No artigo **O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS**



**ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM**, o autor Wilverson Rodrigo Silva de Melo busca analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. No artigo **O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO**, os autores Carine Magalhães Zanchi de Mattos, Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti, Bruna Camargo, Guilherme Silva Costa, Patrícia Krieger Grossi analisam os agravos de saúde advindos do processo de envelhecimento nas ruas, como ocorrem e as repercussões destes no trabalho de pessoas com mais de sessenta anos de idade que vivem em situação de rua em Porto Alegre. No artigo **O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE** os autores Ariadne Mazieri de Moraes e Francisco Xavier Freire Rodrigues buscam analisar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. No artigo **O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ** os autores TABARRO. Cristiane e AHLERT. Alvoriz analisam a importância do papel pedagógico na ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e de princípios da sustentabilidade para o fomento da produção de alimentos mais saudáveis. No artigo **O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL**, os autores Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, analisam os discursos de pessoas em sofrimento psíquico sobre a loucura e seu processo de estigmatização. No artigo **OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS**, os organizadores Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral e Marcelo Amaro Manoel da Silva, buscou promover a capacitação de cuidadores familiares da área de abrangência de uma Unidade de Saúde do Município de Divinópolis. No artigo **OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS**, os autores Renata Gonçalves Pinheiro Correa, Anna Raquel Silveira Gomes, Victoria Zeghbi Cochenski Borba buscaram conhecer os principais métodos de diagnóstico da Osteoporose, diretrizes de tratamento da Osteoporose, recomendações de suplementação de Vitamina D e Cálcio e treinamento físico para idosos com Osteoporose se torna muito importante no manejo da doença. No artigo **PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA**, autora Andressa Blanco Ramos Bispo a autora busca apresentar um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. No artigo **PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR** as autoras Ana Paula Fernandes Ferreira e Letícia Carolina

Teixeira Pádua buscam pensar, refletir sobre o fenômeno que se revela buscando questionamentos, enquanto que a Geografia Humanista de base fenomenológica permite uma maior aproximação das experiências pessoais.

No artigo **PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI**, os autores Marianna Nogueira Cecyn, Alex Mourão Terzi ,

Marcelo Demarzo, Daniela Rodrigues de Oliveira neste capítulo será discutida uma nova proposta para a educação baseada no cuidado ao professor. Programas Baseados em Mindfulness já são aplicados em escolas da Europa e Estados Unidos para a promoção da saúde da comunidade e para a melhora do ambiente escolar. No Brasil, em projeto de pesquisa inédito e inovador, foi construído um Programa de Promoção da Saúde Baseado em Mindfulness para o Educador (MBHP-Educa – Mindfulness-Based Health Promotion for Educators). Será apresentada brevemente a proposta e a estrutura do programa e os depoimentos de duas experiências: no município de São Paulo – SP e no município de São João del-Rei – MG .

No artigo **UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA** a autora Rosemary Trabold Nicácio neste artigo discute o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES	
Lidiane Maria Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.7841924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015	
Sonia Vanessa Langaro	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7841924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR	
Andréia Oliveira Ferreira dos Santos	
Rosiley Aparecida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7841924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>47</b>
GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia	
Sabrina Speckart Ribeiro	
Camila Amanda Schmoegel Elias	
DOI 10.22533/at.ed.7841924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS	
Higor Vieira de Araújo	
Francisco Bento da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7841924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA	
Jonny Lucas de Oliveira	
Joyce Jaquelinne Caetano	
Izabel Passos Bonete	
DOI 10.22533/at.ed.7841924046	



**CAPÍTULO 7 ..... 78**

LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LiGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Jeovana Ceresa  
Nathália Fritsch Camargo  
Guilherme Costa da Silva  
Tamara Lansini Tolotti  
Thayze Maria Marques Torbes  
Guilherme Briczinski de Souza  
Christofer da Silva Christofoli  
Juliane Pinto Lucero  
David de Souza Mendes  
Mariana Edinger Wieczorek  
Eduardo Garcia

**DOI 10.22533/at.ed.7841924047**

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso  
Márcia Alves da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.7841924048**

**CAPÍTULO 9 ..... 91**

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro De Oliveira  
Mariele Rodrigues Correa

**DOI 10.22533/at.ed.7841924049**

**CAPÍTULO 10 ..... 107**

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

**DOI 10.22533/at.ed.78419240410**

**CAPÍTULO 11 ..... 117**

O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO

Carine Magalhães Zanchi de Mattos  
Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti  
Bruna Camargo  
Guilherme Silva Costa  
Patrícia Krieger Grossi

**DOI 10.22533/at.ed.78419240411**

**CAPÍTULO 12 ..... 129**

O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE

Ariadne Mazieri de Moraes  
Francisco Xavier Freire Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.78419240412**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ	
Cristiane Tabarro Alvori Ahlert	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS	
Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral Marcelo Amaro Manoel da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>176</b>
OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS	
Renata Gonçalves Pinheiro Correa Anna Raquel Silveira Gomes Victoria Zeghbi Cochenski Borba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>190</b>
PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA	
Andressa Blanco Ramos Bispo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>204</b>
PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR	
Ana Paula Fernandes Ferreira Letícia Carolina Teixeira Pádua	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>207</b>
PERCEPÇÃO DE SAÚDE E COMORBIDADES DO IDOSO: PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240419</b>	

**CAPÍTULO 20 ..... 217**

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI

[Marianna Nogueira Cecyn](#)

[Alex Mourão Terzi](#)

[Marcelo Demarzo](#)

[Daniela Rodrigues de Oliveira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.78419240420**

**CAPÍTULO 21 ..... 233**

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

[Rosemary Trabold Nicácio](#)

**DOI 10.22533/at.ed.78419240421**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 243**



## ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES

**Lidiane Maria Maciel**

É demasiadamente importante para a gestão dos municípios à atenção para os processos migratórios contemporâneos. Os movimentos populacionais, determinados pelas ordens da macroestrutura econômica e microestrutura social, modificam territórios e criam novos espaços de vida. Tal dinâmica é possível de ser observada em algumas comunidades rurais no Alto médio Canindé no Piauí, em especial do município de Jaicós, no Brasil. A saída de parte de sua população para atuação no mercado de trabalho citrícola do estado de São Paulo entre os anos de 2000 e 2016 trouxe novas questões para a ordem da estrutura social dessas comunidades (Maciel, 2018). Ao final da safra no interior de São Paulo, no município de Matão, os moradores das comunidades retornam e nas últimas décadas verificou-se certo protagonismo dos mesmos na organização dos espaços de vida. Através de entrevistas semiestruturadas e de um trabalho etnográfico recolheu elementos desse processo verificando as novas funcionalidades dos espaços rurais reorganizados.

Matão e Jaicós se distanciam por 2.800 quilômetros e esses espaços geograficamente

apartados pela distância física se apresentam socialmente unidos por conta da circulação de população da cidade piauiense que buscam anualmente empregos na safra da laranja no Estado de São Paulo. Jaicós, o município de origem migratória, conta com mais de vinte “bairros rurais” e entre os anos de 2012 e 2014 as comunidades Saco da Serra, Serrote, Baliza, Esquisito, Várzea Queimada concentravam a maior parte dos trabalhadores safristas. Nos últimos anos a terra nas comunidades citadas passou a assumir nova funcionalidade, expressa na fala dos migrantes como “terra para descansar”, considerando que o “trabalho” assalariado, está a quilômetros dali no meio urbano do agronegócio paulista. No “centrinho de Jaicós” concentrava nesse mesmo período atividades vinculadas aos serviços públicos e um comércio aquecido com a chegada dos trabalhadores safristas em dezembro.

Para os moradores de Jaicós a experiência migratória passou a operar rupturas e discontinuidades identitárias. As trajetórias familiares e individuais foram alteradas bem como o sistema de representação do campo e cidade. Para os migrantes os novos espaços de vida (Courgeau, 1988) podem ser considerados como contestadores dos referenciais identitário anteriores. A negociação das identidades

sociais se torna uma prática necessária à vida cotidiana. A casa, os espaços rurais, os espaços públicos e de sociabilidade passaram a ser produzidos pelos valores também apreendidos no deslocamento para São Paulo.

Em Jaicós as motivações que desencadeiam os processos migratórios vinculam-se ao discurso de “melhorar de vida” (Durham, 1973; Maciel, 2013). Essa noção é utilizada pelos migrantes na produção dos espaços que são articulados e referenciados a outros lugares. A positividade atribuída às práticas do meio urbano frente as do mundo rural (especialmente as da agricultura familiar), modifica a perspectiva de produção dos espaços pela população das comunidades rurais como veremos a seguir.

Os procedimentos metodológicos para este artigo foram de encontro com as propostas definidas pela história oral e descrições etnográficas. A pesquisa de campo foi realizada entre os anos 2012 e 2014 apontou que somente a partir da descrição dos espaços de vida – no lá, origem, e no cá, destino – era possível compreender a complexidade das trajetórias migratórias.

O campo foi realizado em várias etapas, tanto no município de Matão/SP quanto em Jaicós/PI. Foram quarenta e cinco entrevistas, realizadas no Piauí, e outras quarenta e cinco no município de Matão, utilizei dois instrumentos de pesquisa, o primeiro deles um questionário de caráter quali-quantitativo que tinha por objetivo traçar o perfil dos trabalhadores rurais da colheita de laranja em Matão; e o segundo foi um roteiro de entrevistas semiestruturado.

O critério de seleção para os entrevistados seguiu as seguintes exigências: os trabalhadores deveriam ter feito pelo menos uma safra da colheita de laranja nos últimos dois anos; ter mais de vinte anos de idade e menos de sessenta, ou seja, ser membros da População em Idade Ativa (PIA) de Jaicós. Tentou-se também manter o equilíbrio no número de homens e mulheres entrevistadas, para que pudéssemos ter diferentes pontos de vista do processo estudado.

A escolha dos participantes foi feita a partir da rede de relacionamento formada ao longo da pesquisa de campo, na qual um entrevistado nos indicava outros, porém também tentamos diversificar essa rede para que pudéssemos ter distância entre um relato e outro conversando aleatoriamente com pessoas em diversos ambientes da cidade, como na feira de segunda-feira, supermercados e bares, parada de ônibus, dentre outros. Soma-se a essa experiência de pesquisa a elaboração de uma etnografia das comunidades e bairros estudados.

## **1 | O CAMPO DE ESTUDO: ALGUMAS APROXIMAÇÕES CONTEXTUAIS**

O estado do Piauí posicionou ao longo história por sua produção agropecuária extensiva realizada majoritariamente por médios e grandes proprietários rurais (Andrade, 2011). Esses se utilizando de mínima de mão de obra alternavam a produção com a policultura para subsistência. As pastagens e a criação de gado, diferentemente

da agricultura, recebia certos incentivos governamentais, oferecendo mais segurança ao investidor, muitas vezes, morador das zonas urbanas. Nas áreas utilizadas para pecuária havia uma pressão exercida pelos grandes e médios pecuaristas contra os pequenos proprietários, intensificando o processo de empobrecimento e expulsão dos mesmos. (Bacellar e Lima, 1990)

Entre os anos 1970 e 1990 com a expansão da concentração de terras aumentou o empobrecimento da agricultura familiar e a pecuária avançou em direção à incorporação de novas áreas. Bacellar e Lima (1990) contestam que haveria no Estado do Piauí, majoritariamente, uma tendência à polarização entre o latifúndio e minifúndio, entre eles existiria, segundo os autores uma massa de trabalhadores sem-terra e assalariados, e em menor proporção médios proprietários.

Durante os anos oitenta no sudoeste do Piauí foi predominante a presença de trabalhadores rurais sem-terra que atuavam como posseiros ou simplesmente ocupantes. Eles adentram principalmente naquelas terras que ainda não estavam devidamente regulamentadas. Esses trabalhadores rurais sem-terra eram, na maior parte das vezes, desprovidos de crédito para tocar a produção, o que muitas vezes os forçavam as migrações sazonais ou definitivas. A agricultura realizada em pequenas áreas diferia da realizada em grandes extensões. O destaque estaria para as plantações de mandioca e feijão, base da alimentação diária do sertanejo.

No entanto, há de destacar que nos anos 2016 e 2017 com o avanço da produção de soja e milho no estado do Piauí alterou a gestão das áreas rurais e urbanas. Os pequenos produtores, sobretudo, agricultores familiares, tenderam a modificar suas atividades ou migrarem para as cidades. A falta de investimentos públicos e os duros anos de seca aprofundou o drama dos pequenos municípios no que se refere a suas economias.

Segundo dados do Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí (CEPRO), em seu Boletim Analítico Anual – 2017<sup>1</sup>, a Região do Alto Médio Canindé, não apresentou produções agriculturáveis significativas vinculadas aos cereais e oleaginosas, como a soja, a principal cultura da balança comercial do estado do Piauí, 2.009.797 (toneladas) e milho (1.439.469 toneladas). Foi o setor do comércio e serviços, juntamente com o serviço público que movimentou o mercado de trabalho e a economia local.

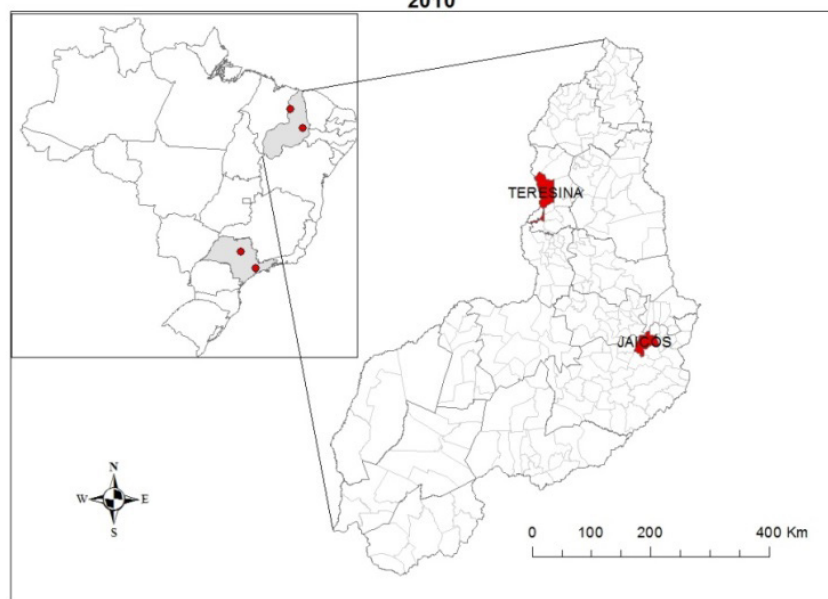
Na década de 2010 a porção do alto e médio Canindé no Piauí, agrupava 39 municípios, com uma população estimada de mais de 200 mil habitantes. A principal atividade da região era a agropecuária, com destaque para a produção do caju, mel de abelha, e criação de cabras e bovinos. As produções de feijão e mandioca, itens da cesta básica, eram derivadas das pequenas propriedades, agricultura extensiva.

---

1. Disponível em: [http://www.cepro.pi.gov.br/download/201806/CEPRO26\\_9262fd56ba.pdf](http://www.cepro.pi.gov.br/download/201806/CEPRO26_9262fd56ba.pdf). Acesso em 30/11/2018.



Localização dos municípios de Teresina e Jaicós no  
Estado do Piauí e no Brasil  
2010



Fonte: Fundação IBGE. Malhas Digitais 2010

Mapa 1:

O município de Jaicós passou durante os anos 2000 intensos períodos de seca, o que fez com que os agricultores abandonassem paulatinamente as atividades no campo. Os moradores das áreas rurais acudados por essa condição procuravam cada vez mais os bairros do município para viver. Há de se pontuar que o rural e o urbano, são pouco definidos nesse município. Trata-se de um *continuum* (Wanderley, 2000) que rompe com categorizações mais deterministas.

O Censo Demográfico indica que a população de Jaicós em 1991 era de 28.731 habitantes, em 2010 de apenas 18.008, registrando ao longo de vinte anos, a perda de mais de 10 mil habitantes. Assim, condição social marcada pela falta de acesso a solos produtivos, ao mercado de trabalho urbano, quase inexistente, os moradores passaram a realizar nos últimos anos a migração “permanentemente temporária” (Silva, 2008) para cidades paulistas. Logo, a permanência, ou seja, da compra de propriedades rurais a utensílios domésticos e mantimentos da alimentação diária, pressupõe a migração temporária, ela aparece como condição essencial para “estar lá”. Os deslocamentos ao longo da vida representa também, na fala de muitos migrantes, a saída da condição da sujeição ao emprego público precário, aquele de “prefeitura” e da pobreza.

## 2 | PROCESSOS MIGRATÓRIOS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS EM JAICÓS – PI

O estado do Piauí foi durante muitas décadas marcado pela imagem do migrante flagelado que se aventurava pelo Brasil a fora em cima do pau de arara. Bacelar e Lima (1990) colocavam que era comum a ida de trabalhadores do interior do Estado para São Paulo para atuarem na construção civil, no caso dos homens, e das mulheres

solteiras para a capital do estado para trabalhos, sobretudo, domésticos.

Já na década de 2000, e nos últimos anos, novos espaços migratórios atraíram população do Piauí para o estado de São Paulo, é necessário darmos destaque a atuação de piauienses no corte de cana-de-açúcar (Silva, 2008; Novais e Alves, 2007; Moraes, 2007) e colheita da laranja no interior de São Paulo (Maciel e Pereira, 2013). Muitos destes trabalhadores rurais, como a pesquisa qualitativa nos mostrou, são migrantes “permanentemente temporários” (Silva, 2008) que dificilmente permaneceriam nas regiões onde são safristas; muitos deles já realizaram outras modalidades migratórias (Baeninger, 2013), circulando entre cidades paulistas, nordestinas, e por vez, realizando nelas estadas de longa duração. Nos últimos anos, o interior de São Paulo tem se destacado entre regiões de atração de trabalhadores rurais de diversas regiões do país. (Maciel e Pereira, 2013).

O município de Matão localizado na Região Central do Estado de São Paulo se firmou economicamente nas últimas décadas pela produção de cítricos, especialmente a laranja, sua colheita criou anualmente centenas de postos de trabalho ocupados por mão de obra migrante (Maciel, 2013). O setor de cítricos brasileiro é internacionalmente conhecido por sua dinâmica e altas taxas de produtividade. Neves (2010) mostra que no plano internacional o estado de São Paulo aparece como principal espaço produtivo de suco concentrado, nos esclarecendo assim da importância do setor para a balança comercial brasileira.

## 2.1 As “idas e vindas” dos trabalhadores rurais de Jaicós e a produção de outras espacialidades

Entre os migrantes que iam para a cidade de São Paulo trabalhar especialmente na construção civil havia alguns que já se deslocavam para as safras de cana-de-açúcar e laranja no interior de São Paulo ainda na década de 1980. O trabalho na construção civil dificilmente gerava vínculo trabalhista, possibilitando aos trabalhadores se aventurarem em outros campos de atividade durante a estada em São Paulo.

**Entrevistadora:** Há muita diferença entre ir para São Paulo e Matão?

**Pedro:** ah sim, nossa lá em Matão mesmo como chuva, a gente tinha que entrar na lavoura e colher um sacolão, tem empreiteiro que entra no ônibus e diz vamos turma, hoje tem que colher pelo menos um sacolão. Em São Paulo tenho só uma viagem em Matão tenho duas, uma delas eu trabalhei só dois meses o tempo necessário para pagar a passagem. Não ganhei nada. Em São Paulo a coisa mais interessante que tinha era o Metro, eu morava em Utinga. Aquele metro e trem era engraçado, um corre-corre, um empura empura, se você não for esperto você fica. (Entrevista realizada em Jaicós - 2013)

Nos últimos anos, houve certo redirecionamento do fluxo da capital para o interior e a partir dos anos 2000 se verificou certa intensificação do mesmo. Na busca por explicação dos motivos de tal modificação de sentido das rotas migratórias, os trabalhadores citaram: a situação de violência, a precariedade das condições de vida na cidade de São Paulo, a nula possibilidade que eles tinham de levar a família e a

condição de informalidade. O que não acontecia na safra de laranja no interior.

O trabalho em São Paulo – capital, também era caracterizado como aquele trabalho que só garante a sobrevivência, pois dado custo de vida na cidade, a renda ganha não possibilitava poupança, e qualquer investimento na terra no município de origem. É a partir dos anos 2000 dois elementos passaram a colaborar para a consolidação da rede migratória entre as cidades de Matão e Jaicós. O primeiro era vinculado às condições precárias de vida no próprio município que ofereciam poucas perspectivas de melhora das condições de vida, e o segundo se fundava na especulação e assédio constante de agenciadores de viagem e trabalho. Os trabalhadores seguiram as promessas de renda segura, e a possibilidade de relação de trabalho formalizada, o que em suas carreiras profissionais era inédito.

Outra situação importante a ser considerada é a segurança transmitida pela safra visto que ela se desenvolve todos os anos, havendo ainda a possibilidade de permanência por curta ou longa temporada, então o ano passou a ser dividido entre dois momentos: o da *safra* e da *entressafra*. O último é o período de trabalhar na terra deixada, período de exercer as práticas tradicionais de cultivo ou simplesmente descansar.

Assim, os trabalhadores rurais estarem fora passou a exercer certa pressão sobre o modo de vida das comunidades rurais no Piauí. A produção de espacialidades foi influenciada pelas idas e vindas dos trabalhadores rurais, porque primeiro eles traziam outras referências culturais das cidades pelas quais eles circulavam e porque a própria economia local já não podia dispor de sua mão de obra durante todo o ano. O fenômeno da migração desencadeou assim novas relações sociais nas comunidades, é sobre esses aspectos que tentaremos nos concentrar nos próximos itens.

### **3 | RECONSTRUÇÕES DO ESPAÇO SOCIAL DE VIDA PÓS-MIGRAÇÃO**

Algumas modificações no plano da organização das áreas rurais e urbanas podem ser relatadas pós-migração. Estes aspectos também foram relatados por outros pesquisadores da questão. Machado, Almeida e Reis (2009) em estudo sobre o município de Governador Valadares em Minas Gerais falam da construção de novas casas, e em alguma medida Menezes (2002, 2007) em trabalho sobre a Paraíba também trabalha com essa temática. No nosso trabalho a construção de casas, aberturas de estradas e construções de outros espaços de sociabilidade também estiveram presente na vida dos bairros e comunidades rurais, pós-migração.

#### **3.1 Entre o mugido do boi e o ronco dos motores: modificações no plano das estradas rurais**

A primeira observação pode ser feita é em relação às novas rotas criadas nas comunidades rurais para beneficiar a circulação de carros e motocicletas. Há, por

exemplo, a construção de novas cercas nas propriedades rurais para proteção dos animais que sofrem o risco de serem atropelados, como nos contou um dos moradores em entrevista em 2013, e mesmo a fixação de placas com avisos que pedem para os motoristas a redução da velocidade. Como podemos observar na foto a seguir.



Foto 1: Placa reduza a velocidade

Fonte: acervo da pesquisa

*Apráxis* dos indivíduos, como citado por Lefebvre (1976), constrói o espaço fundado nas relações objetivas e materiais, a determinação de novas regras de mobilidade na comunidade rural altera a maneira com os sujeitos “percebem”, “concebem” e “vivem” o espaço de vida, nos termos do autor.



Foto 2: Novos motociclistas

Fonte: Acervo da pesquisa

Em muitas comunidades rurais do nordeste brasileiro podemos destacar, por exemplo, abandono de animais que antes eram utilizados como meio de transporte. O jégue e o cavalo foram substituídos pelas motocicletas. Elas também alteram a maneira como os moradores começaram a ver os espaços e suas distâncias, dada à rapidez com que os condutores podem chegar às áreas urbanas e as outras comunidades rurais. O espaço parece ter sido “encurtado” dado ao tempo que hoje montado numa motocicleta o morador gasta para chegar às áreas distantes de seu município.

A motocicleta é utilizada também para o trabalho na propriedade rural, servindo para transportar alimentos, utensílios, ferramentas etc., e em áreas de pecuária também é usada para “tocar o boi”, bem como serve de meio de transporte para toda família, facilitando o deslocamento para fazer compras, levar as crianças na escola, ir à igreja, prefeitura, e para visitar a casa dos parentes e amigos.



Foto 3: Ponto de venda de Gasolina na comunidade rural

Fonte: acervo da pesquisa

Porém, mesmo considerando todas as facilidades na locomoção apontadas pela população relacionada à entrada das motocicletas nas comunidades, podemos também listar os malefícios, citados também pelos moradores. Os inúmeros acidentes estão entre eles, são inúmeros os casos de mortes e invalidez nas comunidades rurais de Jaicós causados por acidente envolvendo motocicletas. Os equipamentos de segurança, como capacetes e luvas não são utilizados, fazendo com que o condutor corra um risco constante de morte. Porém “o gosto” pela velocidade é altamente valorizado e expresso pelos moradores como um vício, há certo menosprezo a segurança.

Para além dessas questões de cunho prático, as motocicletas também são consideradas como um bem simbólico, ao dar aos moradores a capacidade de



uma movimentação mais ágil entre diferentes localidades e a vinculação delas as imagens de poder. Nas comunidades rurais estudadas os jovens ao se apresentarem socialmente em suas motocicletas, expressam também um novo poder aquisitivo e um capital social (Bourdieu, 1989) diferenciado. Nas palavras de muitos moradores elas são sinônimas de que o trabalho na safra foi rentável e que migrar ainda “vale a pena”. No fragmento da entrevista abaixo, um dois participantes da pesquisa, o casal Oziel e Marcela, na época com 23 e 21 anos nos relatava a experiência dessa forma.

**Entrevistadora:** *mudou muito a vida de vocês depois que vocês saíram (Começaram a ir para Matão)?*

**Oziel:** *Nossa se não fosse Matão não tinha nada.*

**Entrevistadora:** *E o que vocês conseguiram?*

**Oziel:** *Fala a verdade antes de ir a gente nem tinha condições de comer direito. Era arroz com feijão. Não conseguia fazer uma feira para comer direito.*

**Marcela:** *A gente trabalhava aqui quase morrendo...*

**Entrevistadora:** *E vocês conseguiram juntar dinheiro?*

**Oziel:** *Não, mas dá para ir vivendo.*

**Entrevistadora:** *E o que mudou?*

**Oziel:** *A nós arrumamos a casa, compramos o carro e a moto. E ninguém nunca sonhava em ter moto ou carro aqui.*

**Marcela:** *O único transporte aqui era bicicleta.*

**Entrevistadora:** *Eu vi que metade da casa é construída de outro tijolo, lá de longe dá para ver...*

**Oziel:** *Aqui eu fiz foi de muitas vezes... Essa aqui eu fiz depois que andei para o Matão. Esse aqui também esse dois fundinhos.*

**Entrevistadora:** *Era outro tijolo?*

**Oziel:** *Aqui misturou tudo tijolo cru, tijolo assado, era madeira de um lado também, era telha daquela outra.*

Os materiais de construção são muitas vezes produzidos e vendidos na própria comunidade rural. Em 2013, o senhor Raimundo – também trabalhador rural migrante de outros “tempos” como se definia – possuía uma pequena olaria na comunidade rural que vivia. Ele nos contou que aprendeu a prática em um de suas “andanças” pela construção civil no Brasil, em especial em São Paulo, e que aproveitou o saber adquirido para se posicionar no novo contexto da comunidade rural, em que circulação de dinheiro advindo da safra de Matão impulsionava o mercado da construção.



Foto 4: Olaria do Sr. Raimundo

Fonte: acervo da pesquisa

### **3.2 “*Minha casa está lá como se eu estivesse ainda morando nela: limpa e bem conservada*”**

A safra de laranja ocorre em inúmeros municípios de São Paulo entre os meses de junho e janeiro de cada ano e é realizada, sobretudo por mais de um membro da família<sup>2</sup> nesse contexto, os trabalhadores rurais são levados a fecharem suas casas nas comunidades rurais, ou deixá-las sob a responsabilidade de algum familiar, para poderem partir com a família, incluído os filhos pequenos. Esse aspecto impacta diretamente na produção e reprodução social da comunidade rural, alguns moradores relatavam nas entrevistas a dificuldade de manter a vida associativa e religiosa ativa com a população parcialmente presente. O padre da cidade, por exemplo, nos contou que as missas e festas santas ficam esvaziadas em tempos safra.

As casas fechadas são as referências “materiais e simbólicas” dos moradores, elas são apontadas pela população que permanece como o maior símbolo da melhora de vida dos trabalhadores migrantes, mesmo esses só as habitando a de três a cinco meses por ano. As mesmas se diferenciam das demais por serem completamente reformadas, ou recém-construídas junto aos escombros da antiga casa de barro. Elas são em sua maioria de alvenaria e construída seguindo o “padrão paulista”, como alguns entrevistados citaram nas entrevistas, isso é, são feitas de cimento e tijolos, algumas chegam a possuírem muro e portão, aspectos nunca antes observado nas comunidades rurais estudadas. Além, dos moradores serem influenciados evidentemente pelas curtas estadas na cidade de Matão, muitos dos trabalhadores rurais, migraram anteriormente para os trabalhos na construção civil, na cidade de São Paulo ou Rio de Janeiro, e hoje aplicam esses conhecimentos de construção outrora apreendidos, como caso do Sr. Raimundo da foto 4.

Nas comunidades rurais, as casas são lugares que os migrantes desejam manter, mesmo que passassem a vida inteira migrando, nesse ambiente de intensa

2. Diferentemente dos trabalhos relacionados ao corte de cana que dificilmente absorvia a mão de obra feminina a colheita da laranja inclui toda família.

mobilidade elas são pontos de fixação dessa população aos lugares que chamam de “minha terra”, “terrinha” ou “casa”, e que nós, sociólogos, chamamos de origem migratória. É para comunidade rural, para a casa deixada, que os migrantes retornam ao fim da safra, e é essa mesma comunidade que nos olhos dos moradores que ficam toma um novo colorido e som, seja pelas músicas que eles trazem de São Paulo, pelo ronco dos motores e “zig zag” das motocicletas vermelhas ou pretas.



Foto 5: A construção de novas casas no interior

Fonte: acervo da pesquisa

### 3.3 “A Terra para descansar, a terra para plantar”

Após a intensificação dos fluxos migratórios temporários de Jaicós para Matão, no que se refere à construção do espaço rural, é possível descrever certa dicotomia com que os trabalhadores rurais passam a tratar a terra. Antes, ela era considerada um espaço para a produção agrícola familiar, na nova configuração ela é apresentada como lugar de *lazer e repouso*. Esta condição alinhada com a falta de políticas públicas direcionadas a permanência no semiárido, recondiciona a funcionalidade da propriedade rural.

Em Jaicós, a terra perde parcialmente sua dimensão da reprodução e trabalho, as múltiplas tentativas fracassadas de produção agrícola ao longo dos anos marcados pela seca, produziu nos agricultores certo desalento, eles passaram a ver as possibilidades de trabalho e renda fora dela. No entanto, os esforços para mantê-la são derivados das relações de hereditariedade e identidade, suas memórias foram construídas entorno desses espaços e é nele que os migrantes querem fixar-se, mesmo que temporariamente.

Mas também há casos em que os trabalhadores rurais migrantes destinam parte da renda obtida na safra ao beneficiamento do roçado na esperança que ele possa de novo ser produtivo. Alguns insistem em mantê-lo mesmo que seco, assim é sempre citado a compra de maquinários, adubos, sementes, perfuração de poços

e ainda a compra de novas propriedades ou “pedaços de terra”. Há nesse sentido a concorrência entre as duas perspectivas de uso da terra que são citadas dependendo no período ou ciclo de vida do trabalhador rural. A partir do momento em que ele consegue um benefício, como a aposentadoria, a terra aparece nos relatos como lugar para descansar, mesmo quando se produz algum tipo de cultura. Já para os jovens, geralmente recém-casados, a terra aparece como segurança aos tempos difíceis, e a falta de trabalho, pois ela apresenta-se como um lugar onde ainda pode-se tirar “o de comer” ou o mínimo do mínimo para a sobrevivência.

### 3.4 A pinga e pipa do Matão: a circulação de produtos e práticas sociais

No plano dos hábitos que se desenvolveram na comunidade rural pós-migração para o município de Matão, é possível mapear uma série de produtos que circulam entre as duas regiões. Havia um jogo das identidades que marcava profundamente os espaços estudados. Se no município de Matão em São Paulo, a cachaça *Pitu* era considerada com símbolos da vida antes deixada no nordeste, em 2013 na feira de Jaicós, a cachaça *Veio Barreiro* era demasiadamente apreciada como símbolo dos hábitos adquiridos “no Matão”. Os comerciantes nos relataram que os produtos vindos de São Paulo possuíam uma boa saída em Jaicós, pois eles remontavam a um espaço de vida que os trabalhadores rurais também desejavam pertencer.

É interessante o jogo simbólico realizado pelos trabalhadores rurais migrantes, ele se resume nos seguintes posicionamentos: quando as famílias estavam em Matão, durante o período da safra, elas desejavam recriar Jaicós através da circulação de produtos trazidos no bagageiro dos ônibus que faziam o trajeto Jaicós-Matão: a farinha de mandioca, o feijão-de-corda, e o doce de buriti eram os produtos apreciados e remetiam a vida em Jaicós. No período de entressafra, quando os trabalhadores retornavam a Jaicós eles também desejavam recriar a cidade de Matão, através dos hábitos alimentares e formas de comportamento. O exemplo da cachaça “Veio Barreiro” relatado acima é bastante expressivo dessa condição migrante da qual falamos, resumida no estar “lá” e estar “aqui”.

As festas e manifestações culturais também eram ambientes propícios para a expressão da identidade migrante, em 2013 elas eram animadas por versões de músicas paulistas e pelo “brega”, reconhecido como música local. Não é possível afirmar que havia uma depreciação desse último estilo, mas principalmente os jovens aos falarem de suas preferências uniam diversas tendências.

Nesse cenário de idas e vindas eram inúmeras as crianças que nasciam em Matão, e eram os “*Matonensinhos*”, eles passavam a acompanhar os pais durante as safras, e passavam a aprender uma série de brincadeiras típicas de “bairros paulistas”. Elas eram adaptadas às condições locais, nos períodos de retorno. A brincadeira de empinar pipa passou a fazer parte das brincadeiras mais apreciadas pelas crianças em Jaicós, após a estada em Matão. Ela era realizada no meio da estrada de terra, e as crianças imitavam o modo de empinar aprendido em São Paulo.





Foto 6: Empinando pipa

Fonte: Acervo da pesquisa

As crianças ao acompanharem os pais eram matriculadas nas escolas da cidade de Matão e estavam sujeitas a sofrer diversos preconceitos, eram geralmente chamadas de “Piauí”, então, elas tentavam se adaptar rapidamente ao modo de vida paulista para que a identidade de “Piauí” não fosse um entrave nas relações de amizade que poderiam desenvolver com as crianças do local (Matão/SP). Assim, podemos ressaltar dois espaços importantes de socialização: a escola e a rua.

A escola é considerada com um espaço importante de aprendizagem, foi citada pelos migrantes como mais “forte” quando comparada com as escolas da cidade de Jaicós, assim o período da safra também é considerado como momento de alfabetização das crianças. As brincadeiras de rua como o futebol, o empinar pipa e os jogos eletrônicos de videogame eram atividades importantes na socialização das crianças que acompanhavam os pais durante a safra, havia aí certa possibilidade de integração a vida local, em um ambiente quase hostil que era o do bairro matonense.

Assim, a circulação de produtos, músicas e brincadeiras entre os espaços rurais e urbanos das cidades de Jaicós e Matão favorecia a aprendizagem de novos costumes e práticas sociais que eram acionadas pelos trabalhadores rurais migrantes dependendo do contexto social ou situação social (Gluckman, 2008) apresentada. Tal aprendizagem também favorecia a produção não só de espaços sociais de vida, mas de novas identidades sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo numa perspectiva qualitativa e descritiva atentou para o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias”



laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. O que nos chamou a atenção no estudo foi que diferentemente da interpretação bastante conhecida da “reprodução das condições de vida” via os ganhos obtidos pela migração (Garcia, 1988; Menezes, 2002) nas comunidades rurais estudadas no sudoeste do Piauí o que foi possível observar foi que para além da reprodução, essas comunidades passam por um processo intenso de *produção* de novas espacialidades e modos de vida. A migração se apresentou como um elemento que alterava definitivamente as condições de vida e visões de mundo dos trabalhadores rurais e de suas famílias em diversas esferas da vida social. O quase nulo protagonismo da política local na criação de condições de permanência e sustentabilidade estimulou de alguma maneira a migração, vista como necessária a reprodução ou produção social no Piauí, um processo social importante nos contextos atuais em escala local e global.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Carneiro. *A Terra e o Homem no Nordeste*. 6.ed. Recife: UFPE. 2011.

BAENINGER, Rosana. Migração, migrações. In: *Idéias – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp*. Campinas. 2013. p.31-41.

BACELLAR, Olavo Ivanho de ; LIMA, Gerson Portela. *Causas e tendências do processo migratório piauiense*. Teresina, Fundação CEPRO. 1990.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Lisboa: Deifel, 1989.

COURGEAU, Daniel. *Méthodes de mesure de la mobilité spatiale. Migration internes,*

*Mobilité temporaire,navette*. Paris. Éditions de l'institutnational d'études démographiques. 1988.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade*. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1973

GARCIA, Afrânio. Jr. (1990), *O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo. Editora Marco Zero. 1990.

GLUCKMAN, Max. *Analyse d'une situation sociale dans le Zoulouland moderne*. Tradução Tholoniât Y. et De L'Estoile. In. *Genèses* 2008/3, N° 72, p. 119-155.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Antropos. 1986.

MACHADO Igor; REIS, Ellen. (2009). Algumas conclusões acerca do fluxo de valadarenses para Portugal. *Teoria & Pesquisa*, v. 16, p. 153-166.

MENEZES, Marilda. A. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de Famílias de camponeses- migrantes*. Relume Dumará; João Pessoa, PB: EDUFPB. 2002.

MACIEL, Lidiane. *O sentido de melhorar de vida: Arranjos familiares na migração rural urbana para o interior de São Paulo*. Jundiá. Paco Editorial. 2013.

\_\_\_\_\_. *Entre o rural e o urbano: migração de trabalhadores rurais do Alto Médio Canindé*

*piauiense para região central do estado de São Paulo*. 1. ed. Jundiá: Paco Editorial, 2018.

\_\_\_\_\_; PEREIRA, Giovana. Do “interior” para os laranjais, dos “laranjais” para o “interior”: a migração de piauienses para a Região Central de São Paulo. In: *Anais do Seminário Nacional de migrações* (ABEP) – Belo Horizonte/MG. Brasil. 2013.

MORAIS, Maria Dione; FRAZÃO, Francisco; JÚNIOR, Teodoro. Andando pelo mundo. Significados da migração temporária do Piauí para a agroindústria canavieira paulista. In. NOVAES, José Roberto. P; ALVES, Francisco. (Orgs.). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EDUFSCAR. 2007.

NEVES, Marcos. Fava. *O Retrato da Citricultura Brasileira*. Ribeirão Preto. Ed. Citrusbr. 2012.

SILVA, Maria. Aparecida. de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora da UNESP. 1999.

\_\_\_\_\_.Expropriação da terra, violência e migração: camponeses do nordeste do Brasil nos canaviais paulistas. In. *Anais do V Seminário Memória, Ciência e Arte: razão e sensibilidade na produção do conhecimento*. PREAC, Centro de Memória da Unicamp, Centro de Memória em Educação – FE. 2008.

WANDERLEY, Maria. Nazareth. Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, 15.2000.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-278-4

